

O que é Glocal? Sistematização Conceitual e Novas Considerações Teóricas sobre a Mais Importante Invenção Tecnocultural da Civilização Mediática

What Is Glocal? Conceptual Systematization and New Theoretical Considerations on the Most Crucial Techno-Cultural Invention of the Media Civilization

■ EUGÊNIO TRIVINHO^a

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica. São Paulo – SP, Brasil

RESUMO

O artigo apresenta as características fundamentais do fenômeno da glocalização, desde suas origens tecnológicas mais remotas até suas manifestações digitais atuais. *Glocal* – nem global, nem local, antes mescla de ambos, sem redução a nenhum – se refere, nesta reflexão, a processos e tendências observados no rastro irreversível da comunicação eletrônica em tempo real. Abarcando o tema por dupla dimensão – epistemológica e empírica –, a argumentação apreende a significação social-histórica do glocal e da glocalização, com foco em seu *modus operandi*, em sua diversificação interna e em suas consequências multilaterais. A reflexão soma novos aspectos a respeito para enriquecer a tese da glocalização como processo civilizatório e como modo de reprodução do capitalismo.

Palavras-chave: Civilização mediática, fenômeno glocal, condição glocal

^a Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Coordenador Geral do Centro Interdisciplinar de Pesquisa em Comunicação e Cibernética (Cencib) nessa instituição e pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8764-3700>. E-mail: eugeniotrivinho@uol.com.br

ABSTRACT

The article presents the globalization phenomenon's fundamental characteristics, from its most remote technological origins until its current digital manifestations. According to the proposal, *Glocal* – neither global nor local, but a mixture of both – refers to processes and tendencies observed in the irreversible track of electronic communication in real-time. Concerning epistemological and empirical dimensions, the argumentation apprehends the glocal and globalization's socio-historical significance, focusing on its *modus operandi*, internal diversification, and multilateral consequences. New authorial considerations enrich the thesis of globalization as a civilizational process and a mode of reproduction of capitalism.

Keywords: Media civilization, glocal phenomenon, glocal condition

DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v16i2p45-68>

D

O que é Glocal?

*Não haverá uma porta. Estás dentro
E ao alcácer abarca o universo
E não tem nem anverso nem reverso
Nem externo muro nem secreto centro.*
-J. L. Borges, *Obras completas: 1952-1972*

¹ Vejam-se, a respeito, Robertson (1994, 1995, 2002), Robertson e White (2003), Sedda (2004), Trivinho (2007, 2012, 2014).

² A reflexão se baseia na trajetória precedente de pesquisa do autor, da qual o presente texto constitui uma síntese reescalada, para divulgação a públicos heterogêneos. Os principais passos dessa produção epistemológica podem ser encontrados em Trivinho (2007, Parte III, caps. 1 e 2, 2012, 2014, Introdução). Essa notação cobre os marcadores conceituais da exposição, elidindo-se a necessidade de referência sistemática.

Uma sinopse do texto está prevista para ser publicada em obra desenvolvida por pesquisadores do Cencib da PUC-SP e do Instituto de Ciência Sociais da Universidade de Lisboa (ICS/UL). (O lançamento do livro não tem data definida.)

Ao leitor interessado em aprofundar-se na temática, valem dois registros. Perspectivas diferentes da apresentada aqui (com foco na natureza sociotecnológica do glocal, conforme nota 6) podem ser encontradas nas obras dos autores citados na nota 1, referenciadas na bibliografia. Uma discussão teórica sobre as relações entre local e global e sobre a trajetória semântica do conceito de glocal nas ciências humanas e sociais foi cumprida em Trivinho (2012), contemplando outras autorias pertinentes, além das mencionadas.

O TERMO *GLOCAL* CONSTITUI neologismo dos mais originais na cultura tecnológica contemporânea. Ao que tudo indica, germinou na Ásia, especificamente no jargão corporativo japonês do ramo da produção automotiva, no último quartel do século XX. Na sequência, o vocábulo foi esposado pela visão geopolítica europeia em matéria de ação ecológica. Desta circunscrição pragmática até a sua inserção nas universidades, em diversas partes do mundo, como objeto de consideração acadêmica, nas ciências humanas e sociais, em particular na área de estudos da comunicação, houve passo cronológico relativamente curto, de não mais que um terço de século¹. Cinco décadas depois de seu aparecimento, o termo se tornou tão comum quanto falar de seus derivados, *glocalização*, *glocalismo* ou *glocalidade*.

A ciência linguística demonstra que elementos definidos de léxico surgem em épocas específicas, por motivos ou desejos geralmente determinados, acumulam expansão e variação semântica, mesclam-se ou comutam-se com elementos exógenos, enlouquecem até, e fenecem. Esse desempenho, projetado para abranger recortes fenomênicos igualmente demonstráveis, deveria desanimar intentos de aplicação retroativa (de significantes e/ou significados), especialmente em função do risco de equívoco. Duplicaria exageros historiográficos, por exemplo, mobilizar o conceito de glocal e/ou glocalização para compreender eventos e processos na Grécia pré-homérica, na transição da alta Idade Média para o *Quattrocento*, no estirão revolucionário que sacudiu a Europa no final do século XVIII ou nas décadas de Balzac e Marx. Conceitos não são peças lúdicas a serem encaixadas, com alegria conveniente, em qualquer cavidade do tempo histórico.

Idiosincrasias à parte, um dos fios de reelaboração do termo glocal liga-o a processos de comunicação eletrônica em tempo real e, por isso, insere-o exclusivamente na atmosfera sociomediática desencadeada a partir do final do século XIX. O conceito de glocal, tal como se configurou na área de comunicação², refere-se a processos, fenômenos, cenários, eventos e/ou tendências observáveis unicamente nesse estirão social-histórico, inaugurado e desdobrado até a complexidade no rastro de máquinas e redes de comunicação, que o funcionamento da vida atual concorreu para tornar absolutamente banal.

EMERGÊNCIA SOCIOMEDIÁTICA E *MODUS OPERANDI* BÁSICO DO GLOCAL

Da totalidade de máquinas legadas pela modernidade a partir do final do século XVIII – nas áreas biomédica, militar, de transporte, industrial, comercial, de eletrodomésticos etc. –, as mais prevalentes, em sentido utilitário, para a maioria da população e que, desse ângulo, se implicam decisivamente por todos os modos de apropriação grupal e individual, na produção da história e dos rumos civilizatórios, são as tecnologias eletrônicas de comunicação e informação em tempo real. Não por outra razão, do ponto de vista sociotecnológico, econômico e cultural, o fenômeno glocal (doravante também referenciado apenas pela substantivação do adjetivo) tem forte impacto na organização e modulação da vida cotidiana, em compatibilidade com o modelo de existência multicapitalista³.

A epopeia sociofenomenológica do glocal começa, a rigor, com a primeira máquina capaz de aproximar-se do ou igualar-se ao tempo real, entendido na acepção de Bergson (2006), a saber: um tempo ordinário e fluido, como duração perene, na forma-fluxo de uma bolha de sucessão ininterrupta, tão irreversível quanto imensurável e, portanto, internamente mutante a cada nanossegundo; um tempo acontecimental, em bloco e pleno *per se*, isto é, sem causação exógena *a priori* em sua natureza autopoietica e autocriadora; um *Chronon modus* imperscrutável em seu âmago fugidio e dependente fundamentalmente das faculdades perceptivas, mnemônicas e conscientes do ente humano (também determinado pela duração) para ser com tais características. A mencionada máquina é o telégrafo, mais especificamente a sua versão elétrica. Essa invenção inaugurou, a partir da década de 1830, a articulação simultânea de dois locais diversos, sob mesmo fuso ou não, mediante processo técnico de codificação e decodificação relativamente instantâneo, na *mimesis* do tempo real. A posteridade sociomediática desse esquema de base é conhecida. Sua *empíria* legou o telefone convencional, o rádio (amador, comercial e PX), a televisão (de sinal aberto, a cabo e interativa), a internet (do final dos anos 1960), a world wide web (do início dos anos 1990), o celular, o GPS, o smartphone e o *smartwatch*, entre outros *devices* – todos com suas respectivas redes, quer imbricadas ou cruzadas, quer exclusivas, como bandas eletromagnéticas equivalentes a campos de frequência, ocupação e/ou atuação pela subjetividade. Essa esteira abrange desde os alto-falantes (cativos apenas do som) até as diferentes telas audiovisuais, dos sites e blogs a espaços de videoconferência, dos redutos clássicos de chat a plataformas de busca, relacionamento e participação em redes sociais.

Conforme antes sinalizado, o conceito de glocal diz mais definidamente respeito ao “tempo real”, agora aspeado para evidenciar e demarcar

³Essa franja do processo expõe, a um só tempo, sua dimensão política (*lato sensu*) e transpolítica. Quanto a essa última, veja-se, especialmente, o tópico “O Grande Glocal: Glocalização como Processo Civilizatório”.

D

O que é Glocal?

⁴Mais precisamente a 299.792.458 m/s.

uma distinção crucial: trata-se de um tempo inventado pela racionalidade tecnocientífica, tempo instantâneo, tempo da velocidade da luz (a 300.000 km/s)⁴. Um modelo crônico artificial, com perfil inteiramente capcioso: ele plágia o voleio criativo da natureza e o transcurso cotidiano da história, inquieta no *hic et nunc*. Igualmente incessante, passa-se como sendo o próprio tempo primevo ou original, bem como o tempo citadino e mensurável, dos minutos e horas, malgrado se trate de mercadoria oferecida por empresas do ramo eletrônico da comunicação, com ou sem fio, por cabo ou satélite. Valha a explicitação da evidência, a bem da clareza adicional: “tempo real” *não* é tempo real (seja este *in natura*, hermético e inalcançável, seja dado no social-histórico, como processo cartografado pela ciência matemática). A emergência sociomediática do fenômeno glocal passou a fazer esses dois tipos de tempo vigorarem em regime de equivalência. O “tempo real” é tão fluido e vivido no e pelo sujeito da percepção quanto o tempo plagiado e, não por acaso, confunde-se com ele. A diferença, sutil somente a uma análise de sobrevoos, é, com efeito, gigantesca e ruidosa: para arredondar as expressões antípodas, de um lado, está o tempo imediatístico da tecnologia; de outro, o tempo autopoietico da natureza⁵.

⁵A partir deste momento, a argumentação operará com ambos os termos, “tempo real” e tempo real, as aspas indicando o artifício sociotécnico mimético, por ligação à instantaneidade mediática; e a ausência das aspas, a originalidade do estrato *natural* da duração contínua dos dados perceptivos (neste último caso, o termo comparece, em geral, precedido pela preposição *em* ou pela locução *capaz de*: “em tempo real”, “capaz de tempo real”, sinônimos de “em rede”, “capaz de rede”).

Analiticamente, para que o fenômeno glocal ocorra – vale dizer, como bloco aparentemente uníssono, com fatores internos misturados –, é necessário, *a rigor*, haver três elementos: tecnologia comunicacional, sujeito (de indivíduo a bilhões deles, como audiência e/ou interatuantes) e “tempo real”; numa equação empírica, é necessário haver máquina capaz de rede disponível ao uso por indivíduos; vice-versa, noutra equação: que haja indivíduos em rede a partir da apropriação de aparelhos capazes de tempo real. Tais elementos comparecem presentes já na estrutura comunicacional do telégrafo elétrico. Esses apontamentos seguem *a rigor* porque tendências de glocalização mais recentes aboliram o sujeito. Máquinas, elas mesmas, se comunicam umas com as outras, automática e instantaneamente, de modo que as equações *tout court* de antes se acumulam agora com outra, a de máquinas e redes como *sujeitos autônomos* do processo de glocalização, haja ou não pessoas (como *objeto beneficiário*) na periferia dessa concatenação automatizada.

Para efeito do presente estudo, essa caracterização exclui do rol de invenções glocalizantes tanto os veículos e produtos impressos (jornais, revistas, livros) quanto o projetor de filmes, o gramofone, a fita cassete, o vídeo, o DVD e similares, pelo fato de nenhum deles *per se* ser capaz de tempo real.

A preexistência regular da mediação do tempo instantâneo nas relações sociais estabelece um divisor de águas na matéria. Em sua classificação elementar, o processo de glocalização envolve dois assentos nítidos:

1. o glocal *stricto sensu*, cuja ocorrência depende necessariamente da presença direta de tecnologias e/ou redes comunicacionais para que as interações (com alteridades humanas e/ou artificiais) se realizem; e
2. o glocal *lato sensu*, cujo metabolismo sociocultural de relação com os conteúdos mediáticos circulantes prescinde totalmente, no âmbito das interações, de qualquer tecnologia capaz de rede.

No rastro da irreversível ascendência dos meios eletrônicos de comunicação em relação aos demais, e sem exclusão de tipos mesclados de glocal no entremeio dos dois marcadores acima, a modalidade *stricto sensu* de glocalização predomina, há décadas, sobre a *lato*, arrastando-a para ou relacionando-a a algum objeto tecnocomunicacional mais próximo⁶.

Do ponto de vista sociofenomenológico mais extenso, no flagrante analítico de seus detalhes empíricos, o glocal *stricto sensu* equivale a uma hibridação paradoxal entre, por um lado, o local perceptivo imediato em que o corpo está e a consciência atua e, por outro, a dimensão global das redes comunicacionais, fíncadas na invisibilidade do campo eletromagnético. No glocal, o local do corpo, em particular, permanece inextricavelmente imerso na trama da comunicação como ambiência, enquanto as redes *inundam* (enredam a partir de dentro) o local. A hibridação observada autodemonstra do que se trata: um amálgama impassível de desatamento e, como tal, irreversível.

Exposto de modo desdobrado, o glocal *stricto sensu* amalgama dois tipos de espaço: o convencional, histórico-culturalmente herdado, e a espacialidade invisível legada pelo avanço tecnológico (cf. Ferrara, 2007, 2008; Virilio, 1984, 1993a, 1993b, 1995). Essa imbricação ocorre em prol de superfícies mediáticas – antes exclusivamente sonoras, na esteira telefônica e radiofônica; depois, audiovisual, a partir da emergência televisiva; e hoje, ainda assim, com predominância de vários tipos e tamanhos de tela, fixas e móveis. Igualmente, o glocal, como *mimesis*, é, *grosso modo*, a mistura de duas *formas sociais* de tempo: a do fuso, que abrange a intensidade de um transcurso temporal interceptado e indexado pela métrica geofísica universalmente aceita e instituída pelos Estados nacionais, e o tempo inventado pela tecnologia como área específica do conhecimento. Essa imbricação propende em favor da sobredeterminação do “tempo real” em relação ao tempo ordinário da vida cotidiana (o tempo dos relógios e do calendário, ligado à duração contada a passos sucessivos). As duas coordenadas de imbricação – do espaço e do tempo – encontram-se, por sua vez, mescladas na bolha híbrida, de confusão imanente e inconvertível, do fenômeno glocal, para todos os efeitos cotidianos a realidade predominante de referência e/ou atuação humana. A fenomenologia do

⁶ Como o presente estudo enfoca a regra, a totalidade da argumentação priorizará o glocal *stricto sensu*, sem prejuízo de que algumas premissas teóricas sejam também válidas para o glocal mais volátil, livre do imperativo tecnológico.

glocal compatibiliza-se com a obliteração perceptiva, nele, do embaralhamento artificial de ambas as coordenadas, em favor de uma composição unitária impalpável que, ao fim e ao cabo, vige *como se não existisse* ou, no mínimo, deixa-se apreender somente por suas reverberações, fora do panteão cartesiano-empirista. O conjunto comparece como uma *construção metafísica concreta*: metafísica, na acepção do étimo, extrafísica, mas não quimérica ou ilusória; concreta, no sentido de *algo* factual, efetivo e prático, estável e disponível, como uma síntese complexa de várias determinações processuais (cf. Kosik, 1976), sem ser sólido, compacto ou espesso, materialmente tangível. Poder-se-ia indagar: onde está então o glocal, se não se pode vê-lo nem verificá-lo em parte alguma? A pergunta tem fonte equívoca ou imprópria, viciosamente fisicista, para apurar ou deduzir um existente e/ou certificar-se sobre dele. Entre tantas formas e possibilidades de existência na cultura, um fenômeno, para existir, não precisa ter lugar literal na realidade atômica. Fluido processo objetivo entre os objetos do mundo (não necessariamente corpóreos ou palpáveis), o glocal jamais se igualará aos mais banais e circundantes, sulcados na densidade da matéria, mesmo sendo, com efeito, o mais trivial dos *objetos*, camuflado ou turvado pelo diversionismo da suposta inexistência.

Na equação sociotecnológica historicamente mais recente, a hibridação que engendra o glocal se hipostasia na tela como reduto de intra-atuação no qual já se presume o fuso horário vivido pelo corpo, com este importante detalhe: essa espacialização sociotecnológica, a tela ativa, é, no fundo, tempo – tempo real empatado com o tempo cidadão, ambos na forma-fluxo típica do ramo, “tempo real”. Que ela, como superfície de referência, seja, antes, tempo, e não meramente espaço, a contrassenso de qualquer pretensa evidência perceptiva, patenteia-se *per se* na simplicidade da manifestação de seu próprio ente-fluxo: basta desligar a tela para verificar que, num estalar de dedos, a espacialidade sociotecnológica desaparece. No glocal, o tempo, coordenada hegemônica, comanda o processo inteiro, ao radicar – com poder de vida ou morte, por assim dizer – no princípio de toda dinâmica: como construção tecnocultural, o glocal é *apagável*. A consciência, parecendo mais livre que o corpo em meio a todas as determinações, passeia, nelas e por elas: as condições tecnológicas em tempo real, ao permitirem à consciência romper com os limites do local, a fazem também capaz de *tocar* outrem a distância e produzir efeitos múltiplos onde ele se encontra.

Essa exemplificação do glocal pela metáfora da socioespacialização temporalizada da tela – fenômeno desligável por um simples ato – contribui para a apreensão de uma injunção imanente do glocal, a qual merece ser enfatizada. Conforme sinalizado acima, o que à primeira vista, sob preocupação exclusivamente

descritiva, comparece como integração inextricável entre a ultra-antiguidade e a modernidade tecnológica de ponta, entre o convencional e a inovação tecnocientífica, entre o visível e o invisível, muda completamente de silhueta quanto mais o interesse cognitivo aprofunda o foco, buscando o fundamental sob o crivo da criticidade. Longe de equivaler a qualquer síntese neutra, o glocal também nada tem de inofensivo. Ele é o sintoma flagrante, em cicatriz cifrada no plano social-histórico, da subordinação tecnocultural sutil do espaço e do tempo ordinários ao tempo criado pelas teletecnologias, tempo industrioso, do dia falso, por assim dizer (Virilio, 1993a, 1993b, pp. 22, 113), para todos os efeitos pragmáticos em matéria social, política e econômica. Expresso em via oposta, a hibridação subsumida no glocal representa a ascendência autoritária da espacialidade tecnológica e do “tempo real” em relação ao espaço e ao tempo convencionais. O glocal congela e eterniza essa verticalização no terreno improvável da invisibilidade eletromagnética: para êxito de todos os inconvenientes autodissolutos, é como se esse esquema diagonal de poder também não existisse efetivamente.

Esse tipo de relação imanente recobre, por sua vez, outro traço fundamental do glocal, atinente à sua identidade originária e que o acompanhará para sempre. Invenção tecnocultural do capitalismo posteriormente *industrializada*, o glocal é violência: ele quebra a identidade do diverso e/ou do disperso para enquadrar e unificar todos os fatores nos moldes de um *construto* unitário, que a publicidade se encarrega de vender como uníssono, expurgando para baixo do tapete da história toda e qualquer tensão envolvida. A ascendência liquefeita da rede sobre o fuso, sinonímia da sobredeterminação imperceptível do global em relação ao local, realiza-se, no rastro subsequente de mistura entre o próximo e o distante, o público e o privado etc., sem ocorrência de imposições *stricto sensu*. O autoritarismo invisível do processo se autodissolve na aceitabilidade do fenômeno por todas as faixas etárias, em todas as posições de classe social, em todos os domínios. A legitimidade social-histórica do glocal passa, no miúdo imperscrutável, pelo desejo de consumo e atuação por parte de cada indivíduo. Essa validação, enraizada na moral dos dias, embute-se desde antes do primeiro ato empírico trivial nela pressuposto: o de adquirir uma máquina capaz de tempo real, para que vigore no epicentro do vivido, doravante já a partir do corpo (sob próteses ultraportáteis, *mobiles*), disponível ao usufruto cotidiano. Nesse âmbito – no *entre* das cofusões – caberá somente aos usos mais politizados contestar a mencionada subordinação ou sobredeterminação, em prol de sua reversão mínima, sempre precária, via instrumentalização da rede para fins de contraposição ao *status quo* – vale dizer, do local contra o global nele incrustado, a partir de dentro do próprio glocal, e contra também o estado estrutural de coisas glocalizado.

GLOCAL COMO EMPIRIA E EPISTEME

A caracterização dos aspectos básicos do fenômeno glocal encontra, nesse ponto, um vórtice de reescalonamento da abordagem. A complexidade do tema requer que ele seja apreendido mediante maior profundidade de campo.

Paradoxo de dupla lâmina ironicamente integrada, o glocal é simultaneamente *empiria* e *episteme*. Essas duas dimensões, cada qual à sua maneira, estiveram implicadas no transcurso da exposição, assim como perdurarão nos tópicos subsequentes. Elas compareceram, uma em conexão com a outra, quando a argumentação, com foco no modo de ser básico do glocal, sinalizou o seu potencial de desdobramento até o ápice de sua complexidade sociotecnológica. Seu espalhamento mundial independentemente de quaisquer regimes políticos, seu presumido *modus operandi* peculiar nas últimas décadas, a cibercultura, aqui tomada como categoria de época. Da mesma forma, elas também estiveram presentes quando a argumentação, reangulada no prisma, reportou a incorporação do termo glocal às ciências humanas e sociais, especialmente no campo de estudos da comunicação e da cibercultura, sinal de modulação semântica radical do vocábulo em favor de sua esculturação como conceito, para tensão teórica com o modo de reprodução social-histórica da civilização mediática avançada.

Como *empiria*, o glocal é, desde pelo menos o apogeu comercial do rádio, mundo – forma social-histórica típica, em bases mediáticas em tempo real –, desdobrando os traços e potenciais sociotecnológicos assinalados: vigora em todos os continentes, de modo mais saturado e acumulado em certos territórios, mais rarefeito e exíguo em outros. Como *episteme*, ele é prisma paradigmático de produção de conhecimento e, acima de tudo, crítica e dissecação desse mesmo mundo, assentado em tramas econômico-financeiras enredadas, majoritariamente capitalistas. Evoque-se, para otimização dessa distinção analítica, que, como *empiria* originária da comunicação instantânea e do mundo nela espelhado, o glocal nasce no último terço do século XIX; como *episteme*, sobretudo nas ciências humanas e sociais, ele inicia trajetória um século depois, a partir dos anos 1980.

PROCESSO DE GLOCALIZAÇÃO E SUA SIGNIFICAÇÃO SOCIAL-HISTÓRICA

As duas faces da questão implicam-se na percepção de que o fenômeno glocal, em seu estrato empírico, galvaniza, no limite – vale também lembrar –, um orbe inteiramente perpassado por *processos de glocalização*. Este seu ápice de significação social-histórica, de cunho – adiante-se – claramente civilizatório, assenta-se em diversos rastros imanentes e correlatos, que lhe sustentam a manifestação. A sequência da reflexão demonstra sucintamente tal injunção.

A presumida magnitude sociofenomênica integraliza referências as mais antípodas, do micro ao macro: assim como não há, nos dias atuais, padrão de ação cotidiana que já não tenha sido glocalizado e/ou se realizado via glocalização, inexistente sociedade que prescindisse desse processo, em alguma de suas modalidades tecnológicas e com algum alcance de rede. Mesmo sociedades isoladas e marcadas por fronteiras discricionárias, como a Coreia do Norte e o Irã, dependem de recursos locais, ainda que os submetam a censura ideológica de Estado ou de religião oficial.

Representando, em potência, a sutura sociotecnológica da totalidade da vivência possível na espacialidade das redes comunicacionais, a glocalização alargada indicia e demarca um modelo planetário de processo civilizatório cuja característica essencial é a de, por dependência velada e *sine qua non*, jamais (poder) prescindir de tecnologias de comunicação⁷.

A meta sociofenomenológica dessa *empíria* avassaladora envolve releitura dos milênios de vida humana exclusivamente fincados na materialidade local da existência: fazendo o vivido acontecer irremediável e *pretensamente* apenas no ponto de intersecção entre essa materialidade e a *imaterialidade* das redes, em cada recorte de hibridação entre local e global, tratar-se-ia de rumar para um estado estrutural de funcionamento tecnológico equivalente a uma *existência em tempo real*, mesmo que esse estado não seja exclusivo e/ou compulsório, mas *imperativamente* disponível.

Na qualidade de processo civilizatório, o glocal, como não poderia deixar de ser, é *modus operandi* irreduzível de articulação e modulação de sua própria civilização – a condição macroestrutural desdobrada na forma de uma civilização em tempo real, *civilização glocal*, hoje em fase social-histórica digital e interativa, calcada em *media* miniaturizados e móveis, vinculados ao corpo.

Fenômeno glocal e reprodução do capitalismo

A história da humanidade, por necessidades materiais acessíveis à análise, alocou na cultura ocidental, em seu estirão mais recente, todos os desenvolvimentos sociotecnológicos subsumidos no e representados pelo fenômeno glocal.

Conforme antes apontado, o glocal é uma invenção tecnocultural do capitalismo. Na obra de Marx (2005), é célebre a percepção de que os negócios e interesses da burguesia emergente no século XVI e fundadora do regime capitalista de trabalho e produção, em ruptura com o sistema aristocrático de feudos, secular até então, sempre combinaram com a abolição de limites geográficos. Tais negócios e interesses necessitam não somente de quebra de fronteiras físicas, senão ainda de horizontes de expansão permanente. O processo de glocalização, subordinado à versão liberal da liberdade, constitui a manifestação histórica

⁷ Sobre a glocalização como processo civilizatório, veja-se o tópico “O Grande Glocal: Glocalização como Processo Civilizatório”.

D

O que é Glocal?

mais radical dessa exigência de superação de alfândegas, sejam elas quais forem: a rigor, o glocal é um monumento invisível a fluxos livres, independentemente do tipo de censura que possa restringir-lhes o alcance.

O glocal surge historicamente – convém frisar – com a reelaboração industriosa do tempo real, a simulação tecnológica de *khrónos in natura* e do tempo ordinário da vida cotidiana: o “tempo real”, tempo imediatístico, na velocidade da luz, é um decalque comercial do tempo autopoiético, que flui irrefreável; é, como tal, mercadoria. A hibridação pressuposta nessa simulação tecnológica é fruto direto da ideologia do progresso forjada no final do século XVIII (para não retroagir até o Renascimento), na ponta mais desenvolvida da qual se inserem os *media* eletrônicos e suas redes. Como não poderia deixar de ser, o glocal se destina, desde a sua origem, a expandir a potência de operação multilateral das relações de produção e a realização do valor de troca, bem como a perpetuar a formação social capitalista no tempo histórico. Expresso de forma mais precisa – para enfatizá-lo –, o glocal é o *modus operandi sine qua non* de reprodução social-histórica e tecnocultural da civilização que lhe é compatível. Sua extensa e pesada infraestrutura (no fio que cerze satélites, cabos de eletricidade e fibra ótica, antenas citadinas e residenciais, e terminais), bem como a espiral de sua produção simbólica, respondem a necessidades estruturais de ampliação contínua dos modos capitalistas de produção, distribuição desigual e acumulação concentrada da riqueza. Nesse sentido, o glocal está implicado tanto na base originária quanto nas consequências de todos os modelos de vida mediatizados e/ou em tempo real na civilização glocal. Por ângulo invertido, a reprodução social-histórica mais recente do capitalismo jamais poderia ocorrer senão através do processo alargado de glocalização, tal como assentado na, pela e a partir da diversidade de *práticas glocais* possíveis⁸. Mais além, pelas tendências planetárias mais robustas, a glocalização se tornou supostamente o único modo tecnológico-estrutural de produção e reprodução social-histórico da vida humana, seja sob qual regime político esse processo ocorra.

⁸ O assunto é abordado no item “Práticas Glocais”.

A grande mercadoria

A reflexão empata com esta evidência: o glocal é a grande mercadoria da civilização mediática avançada. A mercadoria teorizada por Marx (1983), a partir de condições materiais exclusivamente locais (na acepção dimensional do presente estudo)⁹, correspondeu ao estrato milenar e convencional do capitalismo. *Mutatis mutandis*, o glocal perfaz, relativamente, as mesmas vezes, em estrita correspondência com as relações sociais e de produção *imaterializadas* por redes de comunicação e informação em tempo real. As necessidades empíricas

⁹ Condições, por assim dizer, pré-glocais ou glocalmente preliminares (em perspectiva histórica, a se considerar a saturação multiglocal atual), uma vez que, ao tempo da militância política e da escritura do filósofo alemão, no século XIX, a única representação maquinica do tempo real era o telégrafo elétrico.

de perpetuação do capitalismo condicionaram a mutação histórica do estado da mercadoria, sem desidratar, em essência, a sua função macroestrutural. Em outras palavras, a lógica da mercadoria, como eixo irredutível e descentrado de viabilização das relações sociais e de produção, prevalece, em condições glocais, relativamente a mesma, mas em bases diversas.

Essa mutação de estado coincide com a ponta mais atual do progresso da *desmaterialização* da mercadoria, processo pelo qual não somente a sua função macroestrutural é subtraída do campo de visão, como também o próprio caráter de mercadoria é lançado irreversivelmente à zona da invisibilidade. Que essa *desmaterialização* espouse, às vezes, aparente ausência de troca mediada por equivalentes gerais (dinheiro, cheque, cartão de crédito etc.) diz respeito ao aspecto mais caricato da mercadoria. Que o glocal como mercadoria compareça mesmo onde inexistente relação econômica estrita apenas confirma a realidade como logro. O glocal é, com efeito, um produto social sempre pago, mesmo quando o acesso a ele e à rede a qual se liga seja amplamente promovido como *gratuito*. Barganhas e ações publicitárias, que mantêm o tom das trocas econômicas em outros lugares, fora do campo de visão imediato, permitem, no caso, que o glocal prescindia de qualquer pecúnia direta pelo consumidor.

Nesse estrato de manifestação, o glocal, com valor de troca explícito ou não, é a comprovação histórica do quanto a mercadoria assumiu, ao longo do capitalismo no século XX, forma abstrata absoluta, forma inimaginável, ao se instalar em dimensões igualmente inimagináveis séculos atrás. Com este detalhe de monta: a ocorrência invisível do glocal como mercadoria é apenas a casca operacional de um acontecimento social-histórico tão profundo quanto gigantesco. A cena desse acontecimento, cativa de cortinas cerradas (mas salpicadas de microarestas laterais), encontra-se também soterrada sob várias mediações entre parte e todo, e vice-versa. O labor do conceito necessita dissecá-las para apreender um sinal modesto da ressonância macroestrutural do que se preserva obliterado. O glocal como mercadoria-mor, ao articular infraestruturalmente processos comerciais, industriais e pós-industriais, movimenta todas as outras formas de mercadoria, desde a sua concepção e circulação até a realização de seu valor de troca. O glocal é, no plano social-histórico e tecnocultural, um equivalente geral e, nessa qualidade, o grande estruturador e modulador da vida humana. Sua dimensão de acontecimento indicia a escala de enraizamento do processo de glocalização na história.

CONTEXTO GLOCAL E CONDIÇÃO GLOCAL

O excursus precedente indica que o processo planetário de glocalização fez a história ingressar num novo momento. Desde a origem, o glocal, na verdade,

a divide, silenciosamente, entre pré-glocal e glocal, sem jamais indiciar se o futuro da humanidade se reserva alguma sociedade pós-glocal, no sentido de uma formação social que, sendo tecnológica, prescindia, na totalidade de seu funcionamento, da articulação instantânea entre local do corpo e condutibilidade satelitizada. O estirão social-histórico posterior à mencionada divisão plenificou-se nas escalas diamétricas previstas, conforme segue.

A reprodução social-histórica da vida humana baseada no glocal como mercadoria-mor esculpe, na invisibilidade dos processos sociofenomênicos, dois diagramas nos antípodas da *empíria* processual e articulatória em jogo: um, microestrutural, o *contexto glocal*, se inscreve na cena concreta do corpo condutivo; outro, macroestrutural, a *condição glocal*, alcança a dimensão da história.

O conceito de contexto glocal recobre o ambiente de acesso/recepção/retransmissão/irradiação de conteúdos circulantes nas redes comunicacionais em tempo real. Como tal, corresponde ao arranjo concreto, pragmático e obliterado do fenômeno glocal na vida cotidiana e, ao mesmo tempo, a um sintoma cênico imediato da condição glocal da história, especificamente no pomo de rede (fixo ou móvel) no qual o corpo se encontra e a partir de onde a subjetividade exerce influência material e simbólica (local ou alhures) no mundo.

Como reduto mediático, o contexto glocal é o *modus operandi* cotidiano da condição glocal. Em seu diapasão de macroescala, essa condição designa a situação universal e irreversível da aventura humana após o planeta inteiro ter ingressado no estágio de multimediatização por tecnologias e redes em tempo real (de massa, interativas ou híbridas, tomadas em sua unidade ou imbricadas). O conceito nomeia a condição da história a partir do século XX, especialmente no estirão veloz posterior à Segunda Guerra Mundial. Com maior precisão, seu recorte temporal equivale à condição tecnocultural do presente, invariavelmente assentado na quase compulsoriedade do acoplamento fatal entre corpo, subjetividade e tecnologias (hoje sobretudo móveis) capazes de velocidade instantânea de contatos interativos. Cella simbólica esculpida na invisibilidade do tempo da natureza e do tempo histórico, a condição glocal abarca o enraizamento dos vários tipos de “tempo real” no âmbito da vida prática, em razão da apropriação social multilateral desses *media* a partir da imbricação diuturna entre humano e máquina, redes e ação, tela e influência a distância.

A condição glocal se autolegitima na, através da e a partir da miríade de contextos locais, vale dizer, dos ambientes exclusivos das práticas (de audiência, de dialogia, de intervenção política, de irradiação etc.) em rede. Vice-versa, a miríade infinda de contextos locais lastreia, na raiz, a condição glocal da história. Mais que isso, essa condição diz respeito ao status da história em curso no arco da história universal. O glocal e suas configurações derivadas

comparecem, nesse sentido, como o sinete inédito da comunicação eletrônica no plano da história, divisor de águas não computado por todas as vertentes historiográficas, mormente oficiais.

A perduração histórica da condição glocal, ao rechaçar ou contornar, em sua cerzidura sociofenomenológica autopoiética, a ameaça de autodesagregação entrópica do social, cauciona pretensamente a roda-viva transgeracional de perpetuação das culturas, projetando a glocalização como processo civilizatório.

Põe-se, assim, o circuito vicioso, completo em sua equação tautológica e autolegitimatória: a *empíria* processual, articulatória e invisível do glocal, a qual se espalha na forma-fluxo da glocalização planetária, finca, no social-histórico, os contextos glociais de ação humana e introduz a história na condição glocal para garantir a permanência do próprio glocal e suas manifestações, em favor da reprodução social-histórica da civilização glocal. No fio da glocalização que, pelas apropriações multilaterais, tudo vincula a *media* e pendura em redes para compensar o isolamento físico que ela mesma condiciona, o referido mosaico de fatores socioestruturais viciosos avoca, por pressuposto, *subjetividades glociais e práticas glociais*, concatenadas¹⁰.

Subjetividade glocal

Como não poderia deixar de ser, o modo de produção e reprodução glocal do processo civilizatório repercute em matéria de formação de suas correspondentes modalidades de *subjetividade conforme*¹¹. Das mais conservadoras e adesistas às mais politizadas e tensionais em relação às condições do *status quo* sociomediático, todas elas são, em regra, confluentes para uma conformação como *subjetividade glocal*. Essa subjetividade é (ou tende a ser), por natureza e contexto de inserção, dromoapta, isto é, articulada, desde a raiz, pela velocidade, atravessada por suas exigências e/ou movida a interesse direto nela.

A subjetividade glocal dromoapta tem no contexto glocal o seu locus cativo de maturação e operação. Aculturada no imediatismo dos processos desse reduto comunicacional, ela obedece ao princípio da aceleração da vida prática e, dessa forma, ao regime de premência em termos de produção de resultados. Ingrediente sistêmico da civilização multimediática, a subjetividade glocalizada e dromoapta é, evidentemente, caudatária do princípio da produtividade, isto é, do atingimento de metas no menor tempo possível. Esse detalhe, com efeito, deve ser apreendido em e desde a sua escala histórica. Um exemplo ilustrativo deve cobrir o fundamental. Na época das grandes expedições marítimas do século XVI, uma missiva de comando da Europa para as colônias demorava mais de mês para alcançar o destino e produzir efeitos. Atualmente, um *click*

¹⁰Em simples metáfora arquitetônica, aplicada ao processo atual de autoconstrução do social, pode-se dizer que o fenômeno glocal cumpre o papel da fornada de tijolos; o contexto glocal opera como viga mestra; e a glocalização e suas derivações (subjetividades, hábitos e práticas conformes), como cimentação geral; a vida enredada sob condições glociais equivaleria aos resultados imediatos, a cada fase da edificação; e a civilização norteada pelo Grande Glocal, à maquete utópica, o protótipo antecipado, em tudo aleatório, de um modelo de vida cotidiana dependente de, ao menos, um tipo de máquina capaz de rede. A questão do Grande Glocal é retomada no tópico “O Grande Glocal: Glocalização como Processo Civilizatório”.

¹¹A expressão se inspira em duas vertentes teóricas integradas: no caso da subjetividade, a biopolítica, cunhada por Foucault (2004, 2016), e o pós-marxismo existencialista de Sartre (2015); outra, a concepção dos campos sociais, de Bourdieu (1982, caps. “Gênese e Estrutura do Campo Religioso” e “Campo do Poder, Campo Intelectual e Habitus de Classe”, 1983, pp. 38-45, 122-155, 2002, cap. “A Gênese dos Conceitos de *Habitus* e de Campo”), no que tange ao adjetivo utilizado. A potência da subjetividade, na perspectiva filosófica dos primeiros autores, soterra-se relativamente no imperativo de adaptação conservadora dissecado pelo sociólogo francês. O qualificativo *conforme*, em Bourdieu, funciona como um indicador de reprodução sistêmica: designa processos e práticas em correspondência a determinada dinâmica socioestrutural (no campo da religião, da arte, do esporte etc.) em que se inserem e para cuja perpetuação colaboram.

em tecla de computador, celular ou tablet resolve o traslado em segundos. Para os padrões dromocráticos atuais de subjetividade conforme, uma espera equivalente ao intervalo de tempo seiscentista constitui absurdo. A contração espaço-temporal do presente relê, sob o prisma valorativo de uma impaciência implacável, a experiência normal e estendida do tempo de séculos progressos. É nessa curvatura histórica que se deve compreender o caráter veloz, de fundo, da subjetividade glocal. O aspecto banal da aceleração do cumprimento de atividades não é, em tese, a melhor angulação para se descortinar o que está em jogo. Em geral, escapa a esse nível de observação o extraordinário retraimento do espaço-tempo sintetizado nos últimos quatro séculos, conforme o exemplo dado. Por mais que a subjetividade glocal dromoapta diga respeito à produtividade ou a práticas sociais produtivas, de otimização de resultados na unidade de tempo mais curta (seja na esfera do trabalho, seja na do lazer), os eventos e processos nesse nível, de mero cumprimento de tarefas, pode, por exemplo, subordinar-se a lentidão voluntária, funcional ou acidental, o que confunde e prejudica a apreensão do sentido fundamental do caráter dromoapto envolvido.

Na prática, a subjetividade glocal concorre, invariavelmente, para legitimar tudo o que a velocidade tecnológica condicionou socialmente, a saber: o excesso reciclável de informações, imagens e dados, a extrema fragmentação do conhecimento e da cultura, a flutuação improvável (na acepção do étimo: impassível de prova) da veracidade factual, e assim por diante. Dado que as paisagens glociais (de massa, interativas ou híbridas) vigoram como realidade de referência, a subjetividade glocal vê-se frequentemente vulnerável a bolhas de fake news e factoides simbólicos similares.

Essa subjetividade, de par com a subjetivação de mundo que anima, se constitui culturalmente, se hipostasia sociofenomenologicamente e se resolve historicamente nas práticas glociais.

Práticas glociais

A epopeia da glocalização reconfigurou significativamente o universo das práticas sociais. A maioria dessas práticas encontra-se, hoje, de algum modo mediatizada por tecnologias e redes de comunicação em tempo real. Semelhantemente ao tipo epocal de subjetividade a que se ligam, as práticas glociais (de interação e intervenção política, de audiência e entretenimento, de aprendizagem e fruição estética, de compra e venda e atuação no mercado financeiro etc.) são aquelas historicamente correspondentes às necessidades de perenização social-histórica da civilização glocal. Na mesma esteira, as práticas glociais são o pomo praxiológico-atitudinal em que todos os modos

de comparecimento sociofenomenológico do glocal se precipitam: tanto o contexto glocal da experiência diuturna quanto a condição glocal da história corrente encontram-se nelas suturadas, em dinâmica invisível e irreversível, cimentada, evidentemente, por exigências dromocráticas.

Em sentido genérico, que estudos empíricos poderiam recortar por setores específicos, as práticas glociais equivalem à versão histórica renovada do *habitus* social, amplamente dissecado por Pierre Bourdieu (1983, pp. 60-81, 71-73, 75-81, 2002, pp. 60-64, 2005, pp. 21-22), na perspectiva de uma sociologia crítica de processos praxiológicos. O *habitus*, para o sociólogo francês, opera como um vórtice estruturado e estruturante, sem centro, em torno do qual toda uma época ou atmosfera social gira e com o qual e a partir do qual o mundo se move como tal, espécie de eixo social descentrado no qual, com o qual e através do qual uma sociedade determinada, por cada campo específico e pelo conjunto deles, se reproduz no tempo histórico. Numa das várias tematizações de Bourdieu (1983) a respeito, o *habitus* comparece, no âmbito de cada indivíduo, equiparado a um sistema de

disposições [ênfase adicionada] duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, como princípio gerador e estruturador das práticas e das representações que podem ser objetivamente “reguladas” e “regulares” sem ser o produto da obediência a regras, objetivamente adaptadas a seu fim sem supor a intenção consciente dos fins e o domínio expresso das operações necessárias para atingi-los e coletivamente orquestradas, sem ser o produto da ação organizadora de um regente. (pp. 60-61)

E, mais adiante,

um sistema de disposições duráveis e *transponíveis* [ênfase adicionada] que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações ... [uma espécie de] princípio gerador duravelmente armado de improvisações regradas. (p. 65)

Essa caracterização, cuja abrangência e clareza convém reter junto com o potencial de abertura e mudança (pressuposto no último grifo), enforma os bastidores axiomáticos da reconfiguração sociomediática do *habitus*; e o faz ali onde ele se concretiza especialmente em compatibilidade com a pretensa perpetuação histórica das estruturas sociotecnológicas da civilização glocal e, com elas, das dinâmicas que ampliam e acumulam desigualdades sociais (desde as mais clássicas até as mais recentes, referidas a acessos customizados, processos de velocidade e permanência em espaços de participação online).

A reconfiguração comunicacional do *habitus*, mais além de sinalizar sua mera mediatização, alerta para o profundo vínculo entre ele e o processo de glocalização. O desenvolvimento diversificado e cotidianamente enraizado do glocal concedeu ao *habitus* uma ambientação quase compulsória, hoje expressa na cena de um *mobile* à mão, na trilha subsequente a todos os contextos glociais sedentários. O *habitus*, assim entretecido por máquinas e/ou pelo “tempo real”, apoia-se, para se reproduzir, em instrumentos de aceleração de tarefas diárias. Corpo, *habitus*, subjetividade, *devices*, glocal – tudo comparece como bolha pragmática única: o *habitus* mediático insufla as práticas conformes que fazem o universo comunicacional gravitar em torno do processo alargado de glocalização; e esse, por sua vez, no saldo geral das práticas e tendências de conservação e contradito, prolonga as relações pluricapitalistas no tempo histórico – tempo, lembre-se, asfiziado na imanência de um “tempo real” que tudo turva, convertendo o devir num suposto presenteísmo agônico, isto é, esgotante no mesmo momento em que se instaura. Não obstante, as práticas glociais forjam, desde já, de modo aleatoriamente autopoietico e transpolítico¹², o devir multimediático na forma-fluxo de um *telos*, ocorrendo para o aprofundamento diversificado da civilização glocal.

¹²Sobre transpolítica, veja-se o tópico “O Grande Glocal: Glocalização como Processo Civilizatório”.

OUTRAS RELAÇÕES E CONSEQUÊNCIAS DO FENÔMENO GLOCAL

A partir dos encadeamentos precedentes, convém estabelecer algumas relações sociofenomenológicas multilaterais e extrair algumas consequências social-históricas importantes. O processo de glocalização radica na base estrutural e funcional de permissão e/ou otimização de inúmeros fenômenos socioantropológicos *sine qua non* (políticos *lato sensu*) na vida cotidiana.

1. O fenômeno glocal engendra a *visibilidade multimediática* (de massa, interativa ou híbrida), aqui compreendida como o conjunto de projeções sígnicas e expressivas de toda espécie de interesse (de classe ou de grupo, coletivo ou individual, governamental ou corporativo, político, econômico, de solidariedade etc.), tais como essas projeções se fazem perceptíveis na ponta dos terminais comunicacionais em geral, em tempo real ou não (jornais e revistas impressos, alto-falantes de rádio, telas televisivas, digitais etc.).
2. O glocal condiciona a possibilidade do exercício da *existência em tempo real*, a prática comunicacional de presença à distância e de interação com outrem (humano, máquina ou rede) no *hic et nunc* (no aqui e agora) sob a mediação de tecnologias capazes de rede. Nesse horizonte, o contexto glocal, por exemplo, prossegue ocluso

na infraestrutura do trabalho em regime home office, arranjo profissional que a deserção autoprotetiva (total ou parcial) em relação aos espaços citadinos supervaloriza em períodos de ameaça espalhada, como sob pandemia, guerra ou terror, condições climáticas e catástrofe natural etc.

3. O glocal lastreia a *surveillance*, vigilância eletrônica em tempo real, seja de que tipo for (com alcance desde circunscrito, como os sistemas implantados em empresas, estações de metrô e praças públicas, até a escala nacional e mundial, com a verificação automática de acessos e trânsitos online por sistemas bancários e financeiros e com o controle de rastros de rede por browsers e plataformas algoritmizados, à base de inteligência artificial). O glocal é a pedra angular de possibilidade da própria algoritmização dos processos.
4. O glocal está na origem do excesso sistêmico de informações e imagens, em dinâmica *ad infinitum* de propagação fragmentária, tautológica e autorreciclável. Nesse segmento, glocalização é, igualmente, viga descentrada de condicionamento de múltiplas apropriações de recursos e redes digitais com a finalidade de dissuasão, mediante irradiação (ou *viralização*) de signos falsos (fake news) e produção de flutuação radical do sentido¹³.
5. O glocal é o fundamento tecnocultural comum a todas as chamadas *redes sociais*. No pródigo braço interativo, está subsumido nas várias modalidades de *smart mob* e *flash mob* (e mesmo de *mob action*), desde as moções online e ativismos ciberculturais aos grandes protestos globalizatórios do início do século XXI, especialmente no rastro das reuniões do G7, G8 ou G20, como ficaram conhecidos, a partir dos anos 1970, os agrupamentos transnacionais com pautas escalonadas conforme o foco prioritário de interesses.
6. Entre os processos ou práticas sociais anteriormente mencionados, não há um sequer que não seja realizado no, com o, através do ou a partir do fio estrutural da instantaneidade, a configuração social-histórica da velocidade comunicacional. O glocal é a prodigiosa *fábrica* do imediato. Escultura invisível fomentada por interesses políticos, econômicos e/ou culturais na velocidade sociotecnológica (em geral, como emblema operacional de produtivismo *sério* e *consequente*), em todos os campos de atuação humana, o glocal é a condição prévia à aceleração da produção, divulgação e/ou irradiação dos noticiários diuturnos, à catástrofe da descapitalização em cascata em bolsas de valores no mundo, ao funcionamento *imaterial* do capitalismo

¹³O assunto, que o jornalismo de massa veio a conhecer como *pós-verdade* somente em anos recentes, foi sobejamente tratado por Jean Baudrillard em obras do final dos anos 1970 e da década seguinte.

D

O que é Glocal?

nas operações bancárias e financeiras, nas negociações de compra e venda, de prestação de serviços, de investimento em carteira de ações, de registro notário de contratos, e assim por diante.

7. Ao mesmo tempo, o glocal, em todas as suas versões tecnológicas, entrega idêntica velocidade e funcionalidade a campanhas de solidariedade a indivíduos, entidades e causas, bem como a ações de salvamento de pessoas em situações de vulnerabilidade, de libertação de trabalhadores em regime de escravidão, de socorro e assistência a enfermos, a vítimas de violência e a pessoas com necessidades especiais, e iniciativas similares.
8. Com cada vez maior otimização, soma-se, há mais de um século, a essa extensa *empíria* exclusivamente permitida pelo “tempo real” o diversificado aparato militar dos Estados nacionais, tal como desdobrado desde o planejamento de ações repressoras, a eficácia dos programas de segurança pública e a eficiência do serviço secreto até a sofisticação instrumental das estratégias de guerra de informação, de chantagem e dissuasão (mísseis teleguiados, robótica satelitizada, aviões não tripulados, drones, vírus online de desestabilização do inimigo antes de ataques aéreos e invasão terrestre etc.).

Na pressuposição *a priori* desse cenário tecnocultural, o glocal assina toda e qualquer tendência fundamental da civilização mediática avançada.

O GRANDE GLOCAL: GLOCALIZAÇÃO COMO PROCESSO CIVILIZATÓRIO

O fenômeno glocal, ao reler, em escala social-histórica, as coordenadas de tempo e espaço em prol da mistura permanente deles na vida prática – vale ressignificar, ao temporalizar e liquefazer o espaço no “tempo real” e, simultaneamente, espacializar o tempo ordinário na instantaneidade tecnológica –, realiza, igualmente, a releitura sociofenomenológica da relação com a cidade, com a alteridade, com o corpo e com o si-próprio, com a materialidade da existência e seus objetos, com a produção e com o consumo, com o acesso ao conhecimento, à educação, à cultura, ao entretenimento, e assim por diante. O glocal reescreve a vida humana e sua epopeia na história: antes, por milênios, exclusivamente no território geográfico, em redutos locais; doravante, nesse mesmo estrato e no universo telegeográfico das redes comunicacionais.

No rastro desses marcadores, o processo de glocalização, por sua vez, encerra um macrossintoma: as principais tendências estruturais do social,

válidas para tudo e todos, perpassam cada contexto glocal de acesso/recepção/retransmissão/irradiação, cifram-se nele e, portanto, podem ser nele encontradas. Essa injunção repõe e redefine a velha equação segundo a qual o que pertence à ordem da macroestrutura pode ser apreendido na da microestrutura, e vice-versa. Em cada contexto glocal, reúnem-se e/ou manifestam-se relações de força que ocorrem para a definição do amanhã longínquo, sem que, no meio excessivo da espiral de informações, imagens e dados, bem como na compulsão normal em relação a eles, possa-se vislumbrar ou vaticinar com precisão os contornos desse futuro.

Esse postulado tem oitava expressiva em escala social-histórica: a civilização corrente, tal como se joga na condição glocal atual, no estirão do último século, põe-se inteira em cada reduto glocal peculiar do corpo, da percepção e da consciência, no espaço em que eles se encontram. O flagrante dessa hipóstase imediata não demonstra senão que o glocal, invenção com gigantesco potencial de flora sociotécnica – um tijolo, uma metrópole –, funda, como antes dito, um processo civilizatório à sua imagem, conforme a natureza e o estágio da infraestrutura tecnológica implicada a cada época. Modo de reagregação da humanidade em territórios regionais, nacionais e/ou internacionais *imaterializados* (como a língua, a história cultural de vida, as crenças etc.), para além da atomicidade dos redutos vividos, a glocalização é esse processo civilizatório em curso.

Nunca é demais lembrar que a civilização glocal atual equivale a uma época social-histórica em que se acumulam e convivem vários tipos de contexto glocal (do telefônico convencional fixo ao interativo móvel, entremeados pelo radiofônico, pelo televisivo e pelo computacional). Do ponto de vista do esquema articulatório subsumido no fenômeno glocal, independem a materialidade tecnológica de lastro, os tipos de tecnologia e rede envolvidos. Poderão ser outros no futuro, assim como a forma de conexão: vale, sempre e no fundo, o esquema de base, a hibridação inextricável entre local e global.

Como a complexidade se reserva fatores imperscrutáveis, o mencionado macrossintoma parte-todo, até onde se pode apreendê-lo, é sociofenomenologicamente teleológico, em sua natureza autodesdobrada diretamente no *hic et nunc*. O processo de multiglocalização se expande – parece – rumo ao Grande Glocal, para atingi-lo primeiro num perímetro de países materialmente privilegiados, que estipulam tendências não raro para arrastar o mundo inteiro depois, pouco importando quanto tempo o processo consuma. A comunicação eletrônica em tempo real encerra glocalização totalitária da vida humana.

O Grande Glocal constitui modalidade de utopia heterodoxa diuturnamente realizada de forma praxiológica, conjuntamente aleatória, ou seja, com o empenho pragmático-utilitário descentralizado de milhões de pessoas

D

O que é Glocal?

no mundo inteiro. Longe do esquema teleológico clássico de transferência valorativa do mundo ideal para um lugar futuro no tempo histórico, a utopia do Grande Glocal se hipostasia agora mesmo, pelas práticas glocais vigentes, sob a cadência descentrada e colaborativa de todos, como audiência exclusivamente receptiva e/ou segmentação de público atuante, em tempo real ou não. (Os prolegômenos sociofuncionais dessa hipóstase correspondem à inserção de uma máquina capaz de rede em casa, no local de trabalho, no utomóvel, próxima ao corpo etc.) A teleologia do Grande Glocal se nutre de cada acesso a redes tecnológicas, sobretudo as majoritárias (de massa, interativas ou híbridas), a cada decisão ou escolha em tempo real, a cada toque em botões, *click* virtual e percurso de consumo e/ou interação, por dia ou semana. Armadilha social-histórica típica que envolve a tudo e a todos sem permitir muitas alternativas de escape¹⁴, o Grande Glocal se avulta com e a partir de cada aval individual. Essa tecnoutopia passa pelo desejo de se existir na condição glocal, de expressar-se em e a partir de contextos glocais, de *ser glocal*, vivendo-se o “tempo real” e em tempo real, bem como deixando-se articular em rede, com a rede e/ou em prol da rede. Essa predisposição equivale a assumir, no âmbito seja dos *media* de massa, seja interativos, um imaginário condutivo, uma subjetividade conectiva, um comportamento pertencente, enfim, uma vida compartilhável no enredamento, por mediação de fatores mercantis-financeiros ou em paralelo a eles. A rigor, essa propensão é forjada fora dos marcos políticos convencionais; independe, por exemplo, de posições político-partidárias. Mesmo a concordância em utilizar o contexto glocal para tensionar o mundo em rede – em mobilizá-lo instrumentalmente para jogá-lo contra a condição glocal da vida presente – colabora para o desdobramento do Grande Glocal.

Essa utopia praxiológico-imediatista corresponde a uma dinâmica de interações sociais na qual e a partir da qual todos os objetos cotidianos possíveis sejam capazes de rede (de utensílios pessoais, como relógio de pulso e óculos, a eletrodomésticos) ou deem, ao menos, acesso a algum tipo de rede. Essa dinâmica social configura uma condição sociotécnica de maior crescimento exponencial do número de indivíduos, máquinas e instâncias coletivas (agrupamentos, governos, empresas etc.) enredados e/ou sincronizados em tempo real ou cuja vida produtiva e informal gravite em torno dele. Essa tendência prevê que os espectros eletromagnéticos de todos os lugares sejam drenados para a roda-viva dos fluxos regulares do mundo inteiro e/ou do território nacional¹⁵. A utopia do Grande Glocal é o planeta inteiro literalmente glocalizado, especialmente para o nomadismo comunicacional (a movimentação estacionária nas redes) das categorias sociais economicamente favorecidas.

¹⁴Essa característica, por sua natureza transpolítica (nos termos do próximo item), evoca que a condição glocal se equipara à *empíria* processual de um *dispositivo*, na perspectiva da biopolítica inaugurada por Foucault (1982, caps. “Gênese e Estrutura do Campo Religioso” e “Campo do Poder, Campo Intelectual e Habitus de Classe”, 1987, 2005, cap. “Espaço Social e Espaço Simbólico”, 2008a, 2008b) e explorada por Deleuze (1991, 1996, 1999), Agamben (2005, 2006, 2009) e Žižek (2003). No rastro inspirador dessas fontes, a sequência do argumento, centrado na interação entre indivíduo, tecnologia e sociedade, ilustra a natureza social-histórica capciosa do glocal como dispositivo, a qual remanesce como sinalização temática para eventual aprofundamento posterior, uma vez que a matéria é aqui apenas sugerida.

¹⁵Esse registro contextualiza, de forma crítica, a estultícia positivista chamada *internet das coisas*, integrada ao jargão jornalístico de senso comum e aclamada pelo mercado.

Transpolítica do glocal e da glocalização

O estágio social-histórico atual do glocal e da glocalização subordina-os à lógica sociofenomenológica autorreferencial que caracteriza a transpolítica. Esse enquadramento se arranja num sentido específico, ligado a coordenadas conjuntas de enraizamento social e irreversibilidade histórica: a epopeia do glocal e da glocalização põe-se para além da capacidade de controle, administração e/ou modulação por parte de quaisquer instâncias político-regulatórias legadas pela modernidade do século XIX e XX. Um fenômeno, processo ou tendência se insere no arco da transpolítica quando, uma vez desencadeado, não pode mais ser elidido do âmbito do social-histórico, isto é, não pode mais deixar de existir, pelo fato de esta destinação social de vida inexorável subordiná-lo a uma aleatoriedade aparentemente blindada, longe de qualquer interferência abolidora ou mesmo remodeladora, em direção extintiva. A força independente de um fenômeno, processo e/ou tendência transpolítico o assemelha a um fetiche autorregulado, referenciado em si próprio, espalhando-se socialmente como que para encontrar a si e desenvolver os próprios potenciais às últimas consequências. Vigora, portanto, sujeito a perdurar de forma autopoietica e indefinida, em crescimento lento ou rápido, a depender das condições materiais em jogo. A transpolítica do glocal e da glocalização perfaz a imagem integral da armadilha sociofenomenológica de um dispositivo¹⁶.

¹⁶Veja-se a nota 14.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por todo o exposto, o enraizamento do fenômeno glocal na vida cotidiana, combinado com sua irreversibilidade transpolítica, sustenta, ao menos a partir da percepção social-histórica do presente e salvo melhor juízo em contrário, o postulado de que as sociedades do amanhã ou serão glociais ou não o serão. A forma avassaladora com que essa irreversibilidade e suas reverberações se efetivam no mundo permite vislumbrar, sob a mesma ressalva e riscos, que dificilmente os regimes políticos vigentes e seus modos de produção econômico-financeiros desaparecerão sem que o glocal permaneça como legado¹⁷.

A civilização glocal, no zelo articulatório diuturno da teleologia autopoietica que a fundamenta, labora, desde já, a autodefesa permanente contra a sua própria entropia. Nesse sentido, cumpre, à sua maneira – tortuosa e caricata –, a idealização político-cibernética de Norbert Wiener (1948, 1996): a comunicação deveria vigorar como parâmetro utópico contra as ideologias da barbárie, que levaram a humanidade à Segunda Guerra Mundial (cf. Breton, s.d; Breton & Proulx, 1991). Embora não amparada em fluxos de informação livre (quer dizer, livre de qualquer tipo de censura) e não desvinculada de processos bélicos

¹⁷Os períodos de combate internacional a ameaças pandêmicas, mediante procedimento de isolamento físico em massa em bunkers glociais, acrescido de distanciamento social compensado com processos multimidiáticos, são, nesse aspecto, para além da sobrevalorização conferida ao glocal (como bálsamo funcional), tomados pelo *status quo* sociomediático como momentos históricos importantes para a realização de correções macroestruturais e/ou ajustes de otimização no tecido técnico da glocalização como processo civilizatório.

(o das guerras informacionais e de dissuasão, por exemplo), conforme desejava o matemático anarquista e militante antinuclear norte-americano, a utopia transpólitica da glocalização planetária põe-se, com seu potencial de flexibilização de tensões sociais e internacionais, como protótipo axiológico capaz de evitar ou, ao menos, adiar o fim da humanidade. Essa façanha prospectiva confronta o que fizeram, em conflagração tecnológica, o liberalismo (representando o capitalismo ocidental), o marxismo-stalinismo (equivalente ao *socialismo realmente existente* da ex-burocracia soviética e países satélites) e o nazismo (em nome do III Reich), e tal como os seus derivados podem voltar a fazê-lo. Ante todos os efeitos de desagregação social no universo de uma integração fatal em rede (para o bem e/ou para o mal), o processo transpólitico de glocalização contribui para preservar modos de agregação sociofuncional mínima, mesmo sob confinamento físico intenso de indivíduos (como no caso de, além de guerra e terror, doenças espalhadas, toques de recolher, alarmes de situações perigosas etc.). Nessa direção, a glocalização corresponderia, no plano social-histórico, à viabilização de largo retardo no trânsito para o fenecimento capitalista do humano vis-à-vis à concessão de maior fôlego para o desempenho desse modelo de vida no tempo, na forma de uma solução de arremedo na imanência da dinâmica histórica em curso. O glocal, invenção tecnocultural do capitalismo industrial do final do século XIX, insinua-se pretensamente como a salvação sociotécnica possível do mundo de amanhã, em grandes blocos societários satelitizados, nacionais ou transnacionais, capitalistas ou não. ■

REFERÊNCIAS

- Agamben, G. (2005). O que é um dispositivo? *Outra Travessia*, (5), 9-16. <https://bit.ly/35P8jdN>
- Agamben, G. (2006). *Che cos'è un dispositivo?* Nottetempo.
- Agamben, G. (2009). *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*. Argos.
- Bergson, H. (2006). *Duração e simultaneidade*. Martins Fontes.
- Bourdieu, P. (1982). *A economia das trocas simbólicas*. Perspectiva.
- Bourdieu, P. (1983). *Pierre Bourdieu: Sociologia* (R. Ortiz, Org.). Ática.
- Bourdieu, P. (2002). *O poder simbólico* (pp. 59-73). Bertrand Brasil.
- Bourdieu, P. (2005). *Razões práticas: Sobre a teoria da ação* (7a ed.). Papirus.
- Breton, P. (s.d.). *A utopia da comunicação*. Instituto Piaget.
- Breton, P., & Proulx, S. (1991). *L'explosion de la communication : La naissance d'une nouvelle idéologie* (Col. Sciences et Société). La Découverte; Boréal.
- Deleuze, G. (1991). *Foucault*. Brasiliense.
- Deleuze, G. (1996). *O mistério de Ariana*. Veja; Passagens.

- Deleuze, G. (1999). Que és un dispositivo? In E. Balibar, H. Dreyfus, G. Deleuze, R. Machado, G. Lebrun, J.-A. Miller, F. Wahl, M. Frank, M. Morey, D. Hollier, W. Seitter, R. Bellour, F. Ewald, P. Macherey, B. Barret-Kriegel, M. Donnelly, A. Pizzorno, J. Rajchman, P. Hadot, C. Jambet, ... P. Veyne, *Michel Foucault, filósofo* (pp. 155-163). Gedisa.
- Ferrara, L. A. (2007). *Espaços comunicantes*. Annablume.
- Ferrara, L. A. (2008). *Comunicação espaço cultura*. Annablume.
- Foucault, M. (1982). *Microfísica do poder* (3a ed.). Graal.
- Foucault, M. (1987). *Vigiar e punir*. Vozes.
- Foucault, M. (2004). *A hermenêutica do sujeito*. Martins Fontes.
- Foucault, M. (2005). História da sexualidade I: A vontade de saber (16a ed.). Graal.
- Foucault, M. (2008a). *Segurança, território e população: Curso no Collège de France (1977-1978)*. Martins Fontes.
- Foucault, M. (2008b). *Nascimento da biopolítica: Curso no Collège de France (1978-1979)*. Martins Fontes.
- Foucault, M. (2016). *Subjetividade e verdade*. Martins Fontes.
- Kosik, K. (1976). *Dialética do concreto* (2a ed.). Paz e Terra.
- Marx, K. (1983). *O capital: Crítica da economia política* (Col. Os economistas). Abril Cultural.
- Marx, K. (2005). *Manifesto comunista*. Boitempo.
- Robertson, R. (1994). Globalisation or glocalisation? *Journal of International Communication*, 1(1), 33-52. <https://doi.org/10.1080/13216597.2012.709925>
- Robertson, R. (1995). Glocalization: Time-space and homogeneity-heterogeneity. In M. Featherstone, S. Lash, & R. Robertson (Eds.), *Global modernities* (pp. 25-44). Sage.
- Robertson, R. (2002). Le dimensioni della cultura globale. In E. Batini & R. Ragionieri (Eds.), *Culture e conflitti nella globalizzazione* (pp. 17-30). Leo S. Olschki.
- Robertson, R., & White, K. E. (2003). Globalization: An overview. In R. Robertson & K. E. White (Eds.), *Globalization: Critical concepts in sociology* (v. 1, pp. 1-44). Routledge.
- Sartre, J.-P. (2015). *O que é a subjetividade?* Nova Fronteira.
- Sedda, F. (Org.). (2004). *Glocal: Sul presente a venire*. Luca Sossella.
- Trivinho, E. (2007). *A dromocracia cibercultural: Lógica da vida humana na civilização mediática avançada* (Col. Comunicação). Paulus.
- Trivinho, E. (2012). *Glocal: Visibilidade mediática, imaginário bunker e existência em tempo real*. Annablume.
- Trivinho, E. (2014). *A condição glocal: Reconfigurações tecnoculturais, sociopolíticas e econômico-financeiras na civilização mediática avançada*. Annablume; Fapesp.
- Virilio, P. (1984). *L'horizon négatif: Essai de dromoscopie*. Galilée.

D

O que é Glocal?

- Virilio, P. (1993a). *O espaço crítico*. Ed. 34.
- Virilio, P. (1993b). *A inércia polar*. Dom Quixote.
- Virilio, P. (1995). *La vitesse de libération*. Galilée.
- Wiener, N. (1948). *Cybernetics*. MIT Press.
- Wiener, N. (1996). *Cibernética e sociedade: O uso humano de seres humanos* (15a ed.). Cultrix.
- Žižek, S. (2003). *Bem-vindo ao deserto do real*. Boitempo.

Artigo recebido em 22 de março e aprovado em 7 de outubro de 2021.